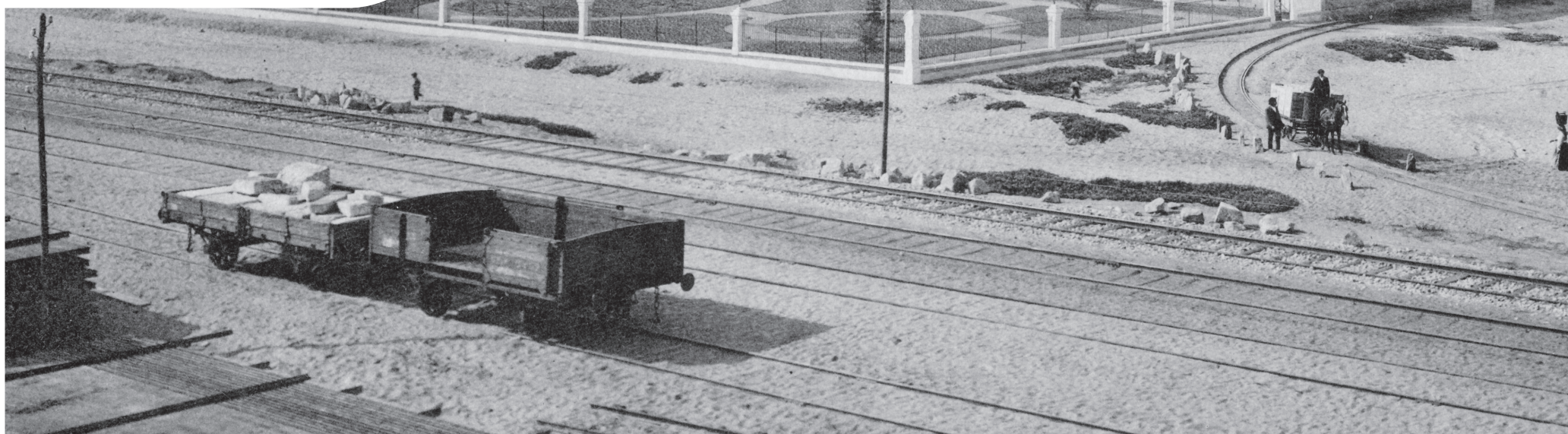


A FÁBRICA DE CONSERVAS  
BRANDÃO, GOMES & C.<sup>a</sup>

**BRANDÃO, GOMES E C.<sup>a</sup>**



## A FÁBRICA DE CONSERVAS BRANDÃO, GOMES & C.<sup>a</sup>

◀ Autor não identificado, Fábrica Brandão Gomes & C.<sup>a</sup>. c.1910

A segunda Revolução Industrial que se fez sentir nas últimas décadas do século XIX ficou marcada a nível económico e financeiro por um novo modelo de capitalismo cada vez mais competitivo e monopolista. As bases do progresso tecnológico e científico, que visavam a invenção e a descoberta, tinha por missão um constante aperfeiçoamento das técnicas e dos produtos, melhorando de sobremaneira o desempenho do setor produtivo em Portugal e potenciando a criação de novas indústrias, como foi o caso da Brandão, Gomes & C.<sup>a</sup>, fundada em Espinho em 1894.

Assim, e como já tivemos a oportunidade de referir no texto acima mencionado, a Revolução Industrial e, especialmente, a máquina a vapor, veio permitir um progressivo desenvolvimento industrial, com a quantificação e qualificação da produção. Aliado a este facto o crescimento da rede ferroviária alargava os horizontes da atividade industrial, aumentando a procura e disponibilizando mais oferta, quer ao nível das matérias-primas, como também do produto final. Em 1880 em Setúbal era inaugurada a primeira fábrica de conservas de sardinha em azeite. Passados três anos, em 1883, a Junta de Freguesia de Silvalde concedeu à empresa Santos Cirne & C.<sup>a</sup>, sediada no Porto, “dezoito mil e cento e doze metros quadrados de terreno no mencio-

nado areal”, na parte sul do Lugar de Espinho, para a edificação de um fábrica de conservas de peixe em sal, sucursal dessa empresa, estipulando a quantia de 45 réis por metro quadrado, na importância de 815.065 réis, ficando o mesmo terreno a quinze metros da linha férrea.

Em 1894, os irmãos Henrique e Alexandre Brandão e Augusto Gomes, regressados do Brasil onde obtiveram uma fortuna considerável, fundaram na zona sul da freguesia de Espinho uma unidade fabril ambiciosa com um capital de 200 contos de réis. A nova sociedade empresarial foi designada de Brandão, Gomes & C.<sup>a</sup>. Para o efeito, os novos empresários, adquiriram o terreno da fábrica Santos, Cirne & C.<sup>a</sup>, entretanto destruída por um incêndio, e aí instalaram a nova unidade fabril. Imbuídos de um espírito inovador apetrecharam a Fábrica com as tecnologias mais modernas, importadas de indústrias francesas, holandesas e alemãs. O aumento exponencial da produção levou à ampliação das instalações primitivas para nascente, com a ligação dessas instalações a um novo corpo administrativo, sobre um alçado frontal voltado para a linha férrea, que seria, entretanto, construído. Em 1901 era inaugurado um novo pavilhão para preparação de legumes em mostarda e em vinagre, ficando as obras de ampliação concluídas em 1911.



Divisa da Fábrica Brandão, Gomes & C.<sup>a</sup>



Alexandre Pinto Alves Brandão



Henrique Pinto Alves Brandão



Augusto d'Oliveira Gomes

—\*—  
BRANDÃO, GOMES & C<sup>A</sup>



Aurélio da Paz dos Reis. Fundadores. Coleção MME

A imagem de marca da Brandão, Gomes era a sardinha, mas a fábrica colocava no mercado um leque variado de produtos: outros peixes, carnes, legumes, frutas, compotas, queijos, azeite, pickles e refeições preparadas. A partir da divisa "melhorando sempre", os empresários delinearam uma estratégia eficaz de publicidade e marketing, a qual lhes permitiu o domínio de todos os segmentos de mercado do ramo conserveiro.

Em 1895 e perante o seu progressivo desenvolvimento industrial, o rei D. Carlos, por alvará régio, nomeou-a fornecedora da casa real, passando a exibir o título de "Real Fábrica de Conservas Alimentícias" e, também, "a poder colocar as armas reais portuguesas no frontispício da fábrica". Dois anos depois, na Exposição Industrial, realizada no Palácio de Cristal do Porto, o Júri da Classe IV atribuiu à Brandão, Gomes, a única medalha de ouro para o ramo conserveiro, enquanto o governo português agradecia os proprietários com o oficialato da Ordem de Mérito Industrial.. De acordo com o jornal "O Comércio do Porto", os produtos com a marca Brandão, Gomes, mercê da excelência do seu fabrico, eram conhecidos "além da Europa, nos mercados da América do Norte e do Sul, da África Ocidental e Oriental e [na Índia portuguesa]."